

Coluna do Castello

Sarney e a diplomacia dos presidentes

O presidente José Sarney, que viaja hoje ao Suriname e à Guiana, ainda não decidiu se atende ao convite para estar dia 11 em Haia, na Holanda, para participar do encontro sobre ecologia promovido por iniciativa do primeiro ministro da França, que pretende obter aprovação para seu projeto de criação de organismo internacional destinado a punir "crimes ecológicos". Michel Rocard por três vezes telefonou a Sarney encarecendo a importância da sua presença num debate que espera criativo e no qual o governo brasileiro, pela voz do seu presidente, poderá expor seu pensamento a respeito da questão vital para o mundo moderno. Como se sabe, numerosos presidentes e chefes de governo deverão estar presentes à reunião e Sarney gostaria de também comparecer. Problemas da administração do Plano Verão e, embora não o mencione, relacionados com a convenção nacional do PMDB a realizar-se no dia 12, o fazem hesitar.

O presidente brasileiro está convencido de que pela primeira vez levou o país a participar da "diplomacia presidencial" que se efetiva com real proveito no contacto de chefes de governo. Esses encontros pessoais de presidentes facilitam o exame de questões e ajudam a compreensão das situações na troca de impressões e de informações, no mais alto nível. Sarney realizou um sistemático programa de visitas a nações de todo o mundo, incluindo o bloco comunista, os Estados Unidos, a Europa Ocidental, o Extremo Oriente e a América do Sul, região na qual visitou com proveito praticamente todos os países de vivência democrática (excluem-se portanto Chile e Paraguai). Com a viagem que se inicia hoje ficará faltando apenas o Equador para concluir o périplo sul-americano a que se dedicou com especial empenho.



O presidente conhece hoje pessoalmente todos os dirigentes importantes do continente e do mundo, sendo que seu conhecimento pessoal de George Bush data de 1972. Considera-se ele bem assessorado em matéria de política internacional, inicialmente pelo embaixador Rubens Ricúpero e depois pelo embaixador Seixas Corrêa. Sua longa convivência com diplomatas, propiciada pelos anos em que viveu em Brasília como deputado e senador, facilita seu diálogo com o Itamarati, hoje confiado a seu grande amigo, ministro Abreu Sodré. Não sendo, portanto, um estranho na casa encontra desenvolvida cooperação do excelente corpo de funcionários diplomáticos do país. O embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima é quem o acompanha na viagem ao Suriname e Guiana.

Voltando à reunião de Haia, o presidente José Sarney estima que seria boa a oportunidade para definir compromissos e esclarecer posições geralmente apresentadas de maneira incorreta por grupos ecológicos politicamente engajados. Ele acha que encontros como o de Altamira revelam meticulosa preparação com apoios bastante visíveis. Trata-se, diz ele, de coisa montada, pois sem grande articulação não se faz uma coisa como essa com tamanha repercussão na mídia mundial. Ele ainda pode decidir-se a ir a Holanda, indiferente à incompreensão com suas viagens resultante da pouca vivência brasileira com a política internacional, para aceitar o debate no ponto em que governos europeus e ecologistas o propuserem. Esse seria um serviço a mais que poderia prestar na modernização da ação diplomática brasileira.